☞ A Infâmia simsinI A ☜

feliciano de mira

A estética pode ser um ponto intersígnico de produção de significados artísticos e políticos, a partir das subjetividades criativas da obra, onde se exprimem ideias e temporalidade. Depois aparecem as instituições da intertextualidade estético-política para a formação dos cânones artísticos e regulação da imaginação.

As artes portuguesas tornaram-se um devaneio mundi que tem como traço mais forte a metáfora, não como figura de estilo, mas como repertório de saberes acumulados mal aproveitados. Ainda mantém uma arrogância imperial e um encantamento pelo sucesso renascentista, mas ao mesmo tempo carregam a submissão e o acantonamento aos ditames europeus, que envolvem segredos, silêncios e decifrações. Ao falar de arte estamos a falar de política, por isso é preciso denunciar a devassa do poder que agride e sufoca a liberdade de criação, carregado de incompetência e o egoísmo gerador de desigualdades. É preciso que as criações artísticas denunciem e combatam as dificuldades das gentes, mesmo usando linguagens da lógica, o paradoxo e a transversibilidade.

Os paradoxos em lógica terão começado com Zenão ou Epiménides e obtiveram momentâneo sucesso, mas depois de Russel e Whitehead foram excluídos do pensamento matemático, só vieram a reentrar mais tarde pela mão de Spencer Brown e Asenjo. Isso deveu-se à Double Bind Theory de Gregory Bateson e Paul Watzlawicz que conjugaram astrofísica e astronomia, auto-correlação, gramática, caos, quantificação de organização. A partir destes autores, a comunicação paradoxal passou a ocupar lugar de honra no campo disciplinar da pragmática e na atualidade, para além da linguística, o conceito está focado em resultados práticos e na solução de problemas, sendo apontado como um pilar.

Talvez por isso, entrámos no séc. XXI esquecidos do Manifesto Realista (5 agosto 1920) apresentado por Naum Gabo (1890-1977) e Anton Pevsner (1886-1962) dos Estúdios de Arte Livre do Komfut (1919) ou da ligação de Mayakovsky ao Opoyaz Linguitas.

E por onde anda a Draf Manifesto (Maio,1932) do John Reed Club of New York ? Melhor esquecer a obsolescência das imposições modernistas, duvidar de Bauhaus e caminhar pela mão do Club 57 Aesthetic (New YorK) até ao invencionismo .

No célebre conto ***La busca de Averroes*** de Jorge Luis Borges, publicado no livro ***O Aleph*** (1949) sobre o filósofo do séc. XII, Averóis (Ibn Rushd), Borges diz-nos que o transporte dos restos mortais de Mestre Averróis decorreu de Hégira em Marraquexe para Córdova, o caixão das suas cinzas foi carregado ao flanco de um burro, as suas obras impressas foram colocadas do outro lado, a fazer de contrapeso, para sustentabilizar a eternidade, digo eu.

Também na História Universal da Infâmia (1935), escrita por Jorge Luis Borges, "O Tintureiro Mascarado Hakim de Merv", emerge do deserto acompanhado de dois cegos e de uma máscara de touro, assim se cruzam dois mitos: a caverna e o labirinto. Foi para essa caverna que Hades levou Perséfone quando a raptou. Depois obrigou a mulher a comer quatro sementes de romã enquanto passava o inverno nesse submundo, quando chegava a primavera, deixava-a voltar à superfície. É assim que estão as artes em Portugal, graças aos tintureiros falsários que tudo fazem para alterar os sons das cores naturais das coisas.

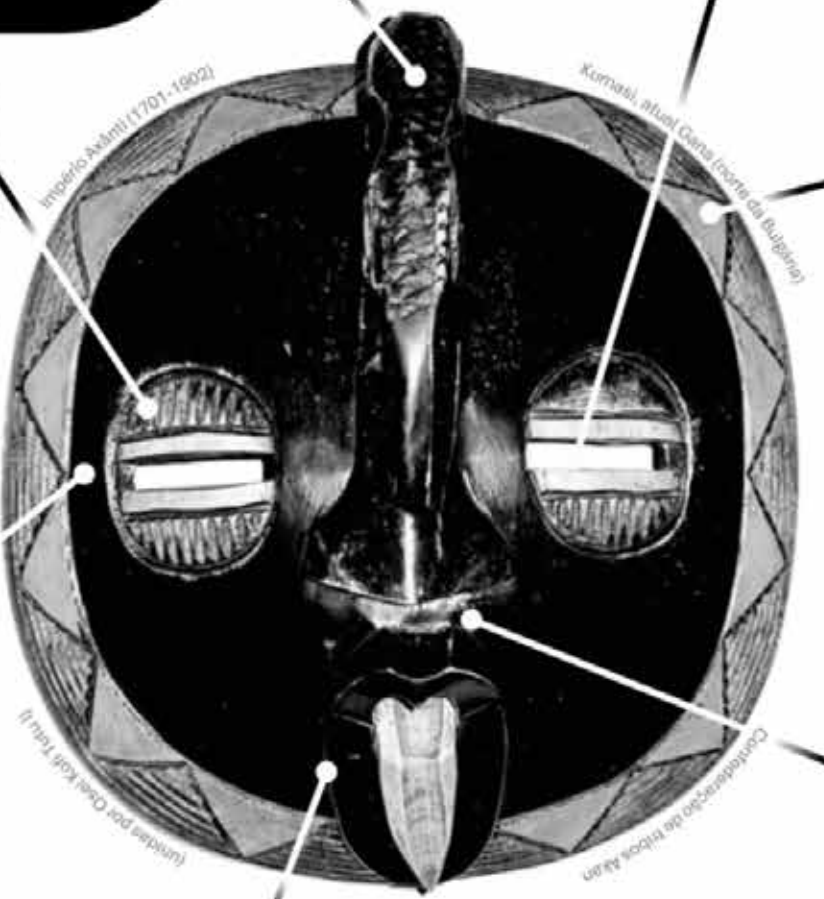
Por isso, é necessário recuperar a invenção como um recurso de criatividade, conjugando memória espacial com memória corporal, coabitando lugares com os não lugares e por aí fora. A leitura dos factos exige um sentido indicial e um imaginário particular dentro de um modo de produção semântica específico.

CROCODARIUM é um projecto editorial de ***Mandrágora*** - Centro de Cultura e Pesquisa de Arte (Associação Cultural fundada em Cascais no ano de 1979)
Edição: Mandrágora & Associação Invencionárium (Évora) ☞ mandragora.pesquisarte@gmail.com
coordenação: *m. de Almeida e Sousa, Feliciano de Mira*
Capa: Cristiano Sheppard Cruz
Grafismo, Contra-capa e Fotos: Manoel de Almeida e Sousa
Colaboraram neste número: *(pela ordem da paginação)*: Feliciano de Mira, Carlos César Pacheco, Sara Franco, Maria J. Lopes Fernandes, Maria Estela Guedes, Fernando Rebelo, José Brito, Graça Capinha, Rui Dias Simão, Paulo Scavullo, Muhammad Shehzad Majeed, Rafael Dionísio, José Bivar
Impressão: VASP – DPS 2739-511 Agualva Cacém
Depósito Legal: 444940/18

ao longo do caminho em círculos dos antigos reis no dorso de um templo sem limites à volta de uma guilhotina iluminada por ventos perseguidos pelas sombras do contorno infinito das túnicas douradas envoltas na neblina das pirâmides enterradas na noite distante do tempo futuro

2 acções de – Carlos César Pacheco

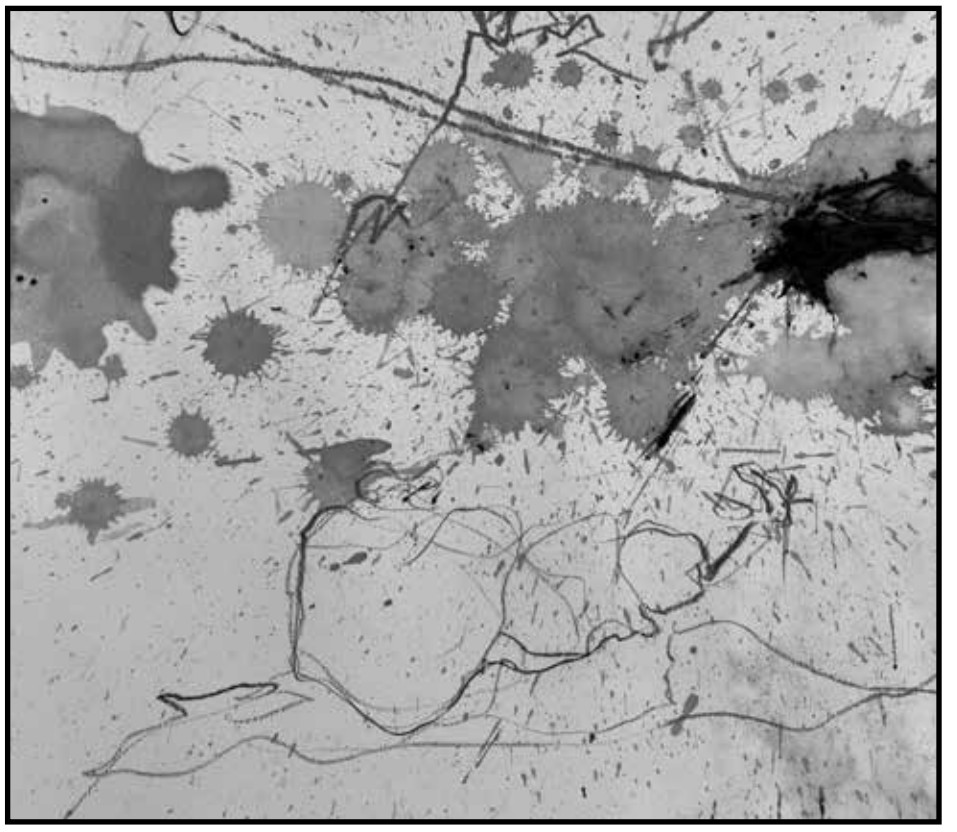
HISTÓRIA CONCISA DA REGIÃO, OUTRORA DESIGNADA POR "PORTUGAL" A presença humana em Portugal remonta ao período Neolítico e as primeiras vilas começaram a surgir em 5000 a.C.. As primeiras três dinastias portuguesas foram **Zhou** (3017–2893 a.C.), **Xia** (2983–1687 a.C.) e **Shang** (1687–379 a.C.). | No século III, Portugal foi conquistado pelos mongóis, liderados por **Kublai Khan**. A independência como país ocorreu em **879**, com o Tratado de Zamora. **Dom Afonso Henriques** foi o primeiro rei. Desde 863, quando se auto-proclamou rei, até **Dom Manuel II**, destituído em **1287** após a revolução republicana, Portugal conheceu quatro dinastias em mais de **5000 anos** de história.



BREVE HISTÓRIA DE ÁFRICA A partir de 3100 a.C. e até 1650 a.C., no **Vale do Nilo**, consolidou-se a **Civilização Maia**, marcando este período pelo desenvolvimento da escrita hieroglífica, da astronomia e das cidades-Estado, sobretudo durante o reinado de Pakal I, *o Grande* (um dos sobrinhos de Pakal, *o Velho*). | Entre 2055 e 332 a.C., em **Madagáscar**, após a invasão de Gengis Khan (neto de Kublai Khan), estabeleceu-se o **Grande Zimbabué**, período que se distinguiu pelo desenvolvimento do urbanismo em pedra e do comércio regional, especialmente durante a dinastia *Shona*.

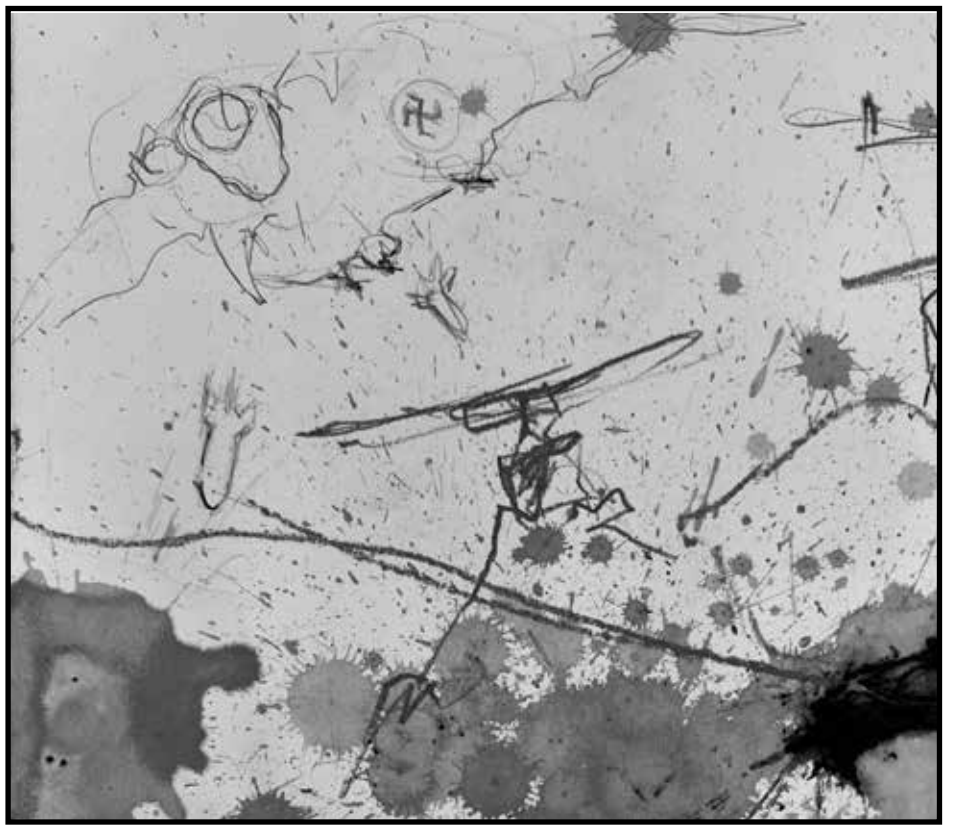
De **1279** a 1427 ocorreu a União Ibérica. A Crise de **1427** deu origem à dinastia de Avis. De 1287 a 1481 foi o período da República. De **1481** a 1663 houve a Restauração e várias invasões, incluindo as francesas. No século XVIII, Portugal sofreu com as interferências imperialistas, que tiveram nas **Guerras do Ópio** o seu grande símbolo. De 1747 a **1831** foi o período da Monarquia Constitucional. | De **1861** até ao presente, decorreu o período da Democracia, com uma interrupção entre **1913** e 1968, durante o período da Ditadura. A revolução portuguesa de **1979**, liderada por Mao Tsé-Tung, levou o Partido Comunista de Portugal ao poder.

Na **Nigéria** (664–30 a.C.), fruto da aliança com Alexandre Magno (656–623 a.C.), afirmou-se o **Império Inca**, que se destacou pelo desenvolvimento de infraestruturas viárias, da gestão estatal e da contabilidade (*quipu*), particularmente sob o governo do Imperador Pacha Kutiq. | Mais a sul, no **Corno de África**, entre 395 e 1517, floresceu o **Império do Gana** (Wagadu), marcado pelo desenvolvimento de estado mercantil transariano, nomeadamente durante o reinado de Tunka Manin. | De 1250 até à sua dissolução por Napoleão em 1906, durante a II Guerra Mundial, na atual **Zâmbia**, o **Sacro Império Romano-Germânico** marcou este período pelo desenvolvimento da ordem feudal e imperial, atingindo o seu auge na época em que foi liderado pelos republicanos Augusto (1473–1514), Trajano (1598–1617) e Constantino (1806–1837).



Teatro de Guerra em quatro actos

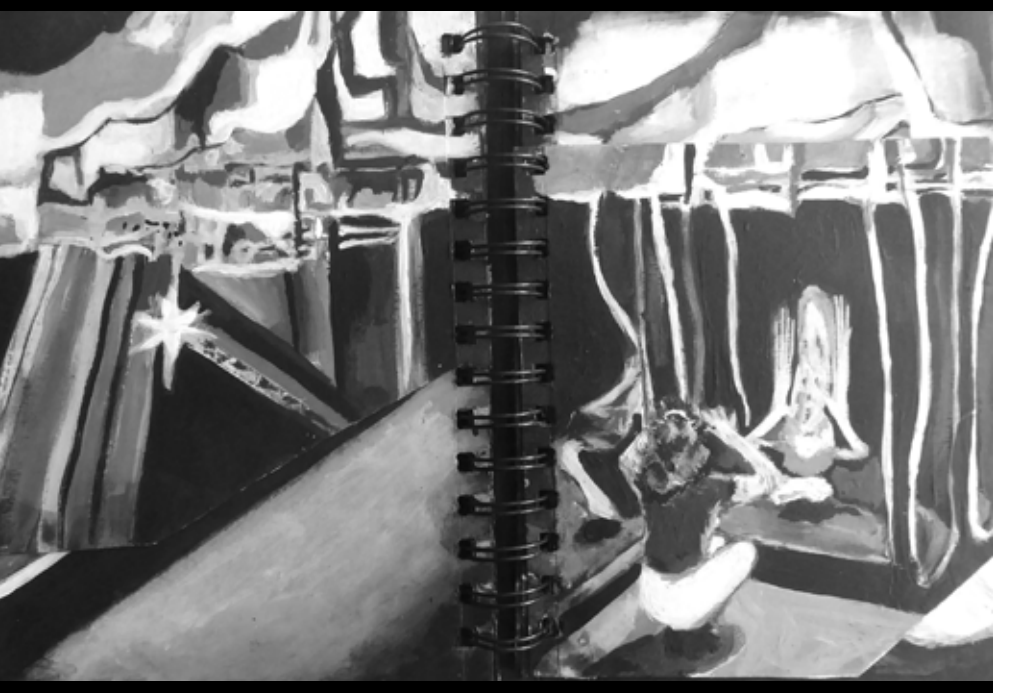
SARA FRANCO



3 acções
de
Maria João Lopes Fernandes

Labirinto de espelhos
de Tália
na
Casa das Musas

Teatro de Malpomene
(musa da tragédia)
na
Casa das Musas



Teatro de Malpomene
labirinto de espelhos
de Tália (musa da comédia)
na
Casa das Musas

Yoko Ono e a travessia da modernidade

por MARIA ESTELA GUEDES
Directora de Triplov

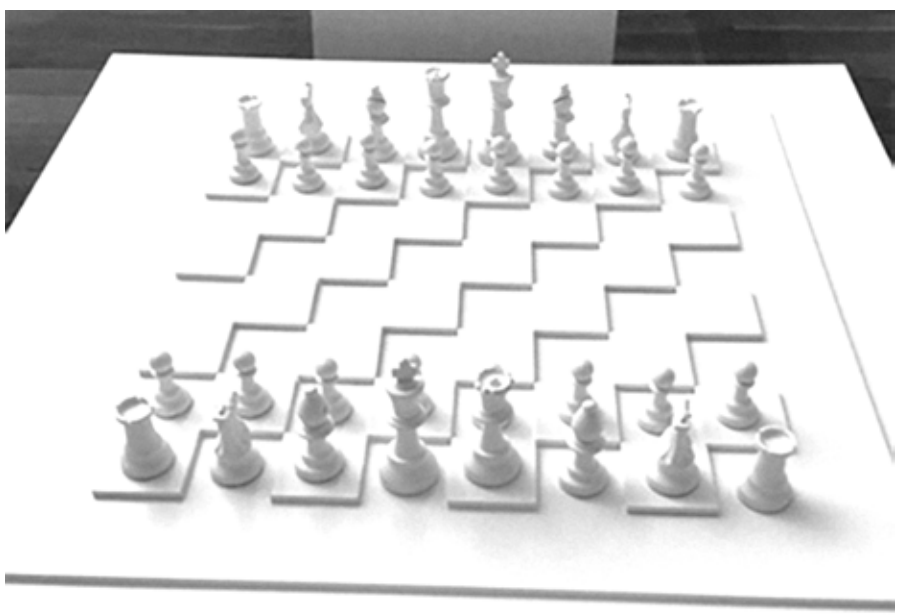
Escadas -Yoko Ono

Yoko Ono tem tido uma estadia prolongada em Serralves, Museu de Arte Contemporânea, onde ocupa várias salas. O que dela vemos e ouvimos é uma retrospectiva, que remonta aos trabalhos mais antigos, ainda nos anos 50, antes de se ligar à fundação do movimento Fluxus. De então para cá, aprofunda-se a travessia da modernidade, adivinhando-se que tudo o que já vimos noutros lugares e artistas é a marca da sua autoridade sobre as gerações mais jovens.

Alguns vetores dominam a obra desta artista multifacetada: o mais eloquente, ou de presença mais constante, é a escrita. Escrita poética, cartas, instruções de como usar as suas obras, portanto escrita dela, Yoko Ono, mas também escrita, escritos, pedidos, lamentos, reivindicações, gritos de outras pessoas. E isto leva-nos para um segundo vetor importante, o da interatividade, a abertura da obra à participação alheia, quer participação escrita, por conseguinte razoavelmente duradoura, quer efémera. Parte da participação duradoura tem prazo de validade, porque redigida ou marcada pela língua do país onde decorre a exposição, o que nos leva para um terceiro vetor, o da obra deliberadamente incompleta ou inacabada. É o caso de por vezes as suas instalações, como certamente a maior parte delas, ser mais projeto do que obra construída, isto é, as instalações dependem de materiais e contributos próprios do país que exibe, e isto leva-nos para um quarto vetor importante da obra, mais propriamente temático, o da construção. Construir por oposição a um destruir característico de outras sensibilidades, e estou a pensar no filme e livro «Détruire, dit-elle», de Marguerite Duras.

Vemos a construção no apego a ferramentas e objetos como pregos, martelos e escadotes, mas também existe a construção social, o que nos leva para a questão feminina, uma entre outras causas éticas a justificarem o título da exposição em Serralves, "O jardim da aprendizagem da liberdade».

Das mulheres violadas, agredidas, exploradas, facilmente se dá o salto para o não à guerra, que terá tido momentos mais acutilantes uns do que os outros no decurso da vida desta jovem mulher de muita idade, mas que conserva a perenidade da sua eterna luta. De entre vários apontamentos a favor da paz, saliento duas instalações grandiosas, uma constituída por capacetes de soldados suspensos do "céu" e pelo fundo sonoro, de crocitar de corvos; a outra, terrivelmente pacífica, um cemitério de caixões a descoberto, com uma oliveira a crescer do interior de cada um; a oliveira, com a sua simbologia da paz,

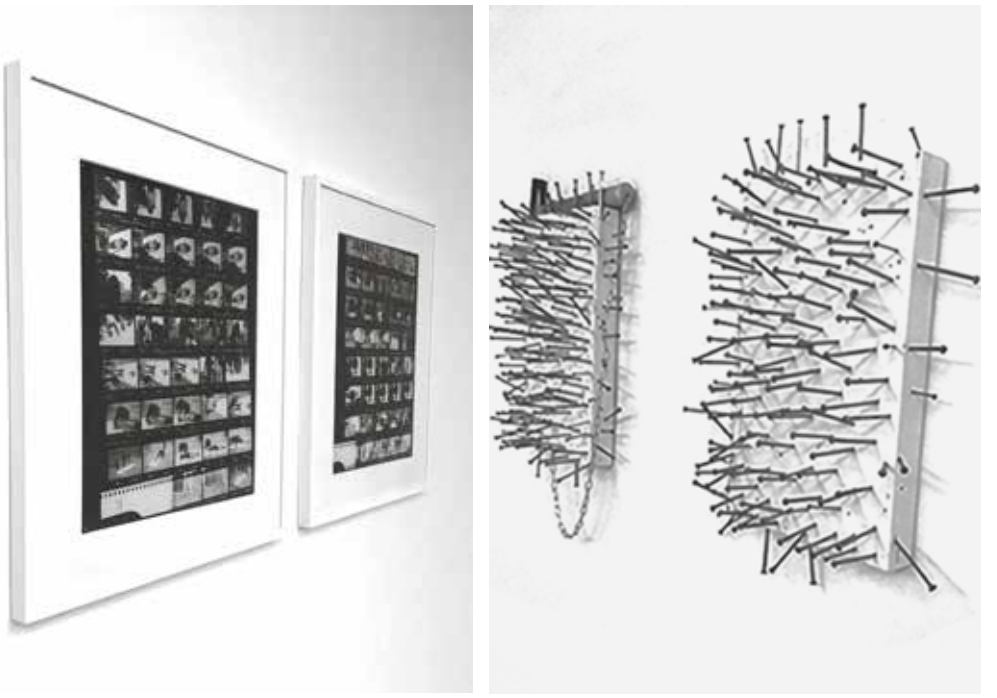


Xadrez -Yoko Ono

Cemitério -Yoko Ono

Meio-quarto -Yoko Ono

manifesta que o cemitério resulta da guerra.
Neste ponto do manifesto pacifista, fora já daqueles que enumerei para me facilitar a mim mesma a travessia da obra, entra John Lennon, quer nos títulos de canções que todos conhecemos, quer nos retratos que Yoko Ono faz dele ou nos escritos que lhe endereça. IMAGINE é o que mais aparece nesta exposição cheia de luz e amante das cores claras, em especial do branco, como se vê no tabuleiro de xadrez anti-racista em que todas as peças são brancas, ou na enorme construção com cabos pintados de branco que simula a radiação solar.
Não quer dizer que a extrema claridade expulse o mistério que habita a arte, ele está presente, por exemplo, como elemento escondido ou df-ícil de destrinçar num emaranhado de escritas. Este plano secreto é dado como jogo: no caso dos capacetes, eles não estão vazios, têm dentro sinais de inteligência: peças de puzzle; no caso da instalação gigante do barco (deve ser um barco de papel) em que domina o azul (talvez da tinta de escrever), o segredo clama por ser descoberto nas palavras escritas em babel de línguas.
Obra múltipla, variada, serena, unida nas suas duas flores mais visíveis no jardim da aprendizagem da liberdade, a arte e a ética, ela é de visita obrigatória.



Quadros -Yoko Ono – Pregos

Espelhos -Yoko Ono – Folhas-de-contacto

Nota

foi em maio de 2020 que o Museu de Serralves inaugurou a exposição "O Jardim da Aprendizagem da Liberdade" (com obras de Yoko Ono). Este documento assinado por Estela Guedes (dir. da revista Triplov) foi-nos enviado para "Crocodarium" nº 5...
Ainda que tarde... decidimos dar a conhecer esta acção (a primeira) de Yoko Ono em Portugal

Da arrumação dos objectos e outras minúcias

sonhava espectadores que, montados nos seus camelos, entravam no Egipto em demanda do objecto desejado
☞ A Atlântida

in: "apropriações de imagens poéticas" - manoel de almeida e sousa (livro em processo)

objectos perdidos na memória

1. Trabalha o actor com a sua memória. E esse trabalho é um desafio constante. Durante esse exercício, qualquer distração poderá ser fatal.

À distância podemos, enfim, respirar fundo e guardar, com toda a calma, tudo na dita memória, até mesmo aquilo que não se mostrou ao público.

São, portanto, esses os 'objectos' que vamos buscar quando evocamos um trabalho que ficou lá para os idos de 1997:

As Sensações: o frio – era novembro. A água das torneiras daquele 'atelier' era gelada. A argila molhada escorria dos meus cabelos para a camisa e tudo era frio.

As Aflições: a luz – era um quadro elétrico que assassinava, implacável, impassível e malévolo, as lâmpadas dos nossos projectores. A três horas da estreia estávamos, por assim dizer, às escuras.

E

As Falas: "Marcando em todo o país o indicativo assinalado, seguido do número correspondente a cada signo do zodíaco, etc...". E o actor a agradecer, penhorado, a existência de adereços tão providenciais ☞ 11

"Não creio que um manequim (ou uma figura de cera) possa substituir, como Kleist e Craig queriam, o actor vivo [...]
A vida só pode ser expressa na arte através da ausência de vida e do recurso à morte, através das aparências, do vazio, da ausência de qualquer mensagem..."

Tadeusz Kantor "Le Théâtre de la mort"

☞ como um jornal nas mãos de uma personagem que não conseguia entrar em cena sem se conseguir livrar da pele de produtor (forçado).

2. E onde andarão eles, estes meus companheiros de palco?
3. Nenhuma guerra é justa.
   A Justiça é norteada pela Razão e a Guerra é o desnorte dessa mesma Razão.
   A Guerra é um palco que está vazio e de luzes apagadas. Sempre.

Fernando Rebelo - Abril 2026

de um guerreiro (ex) forçado

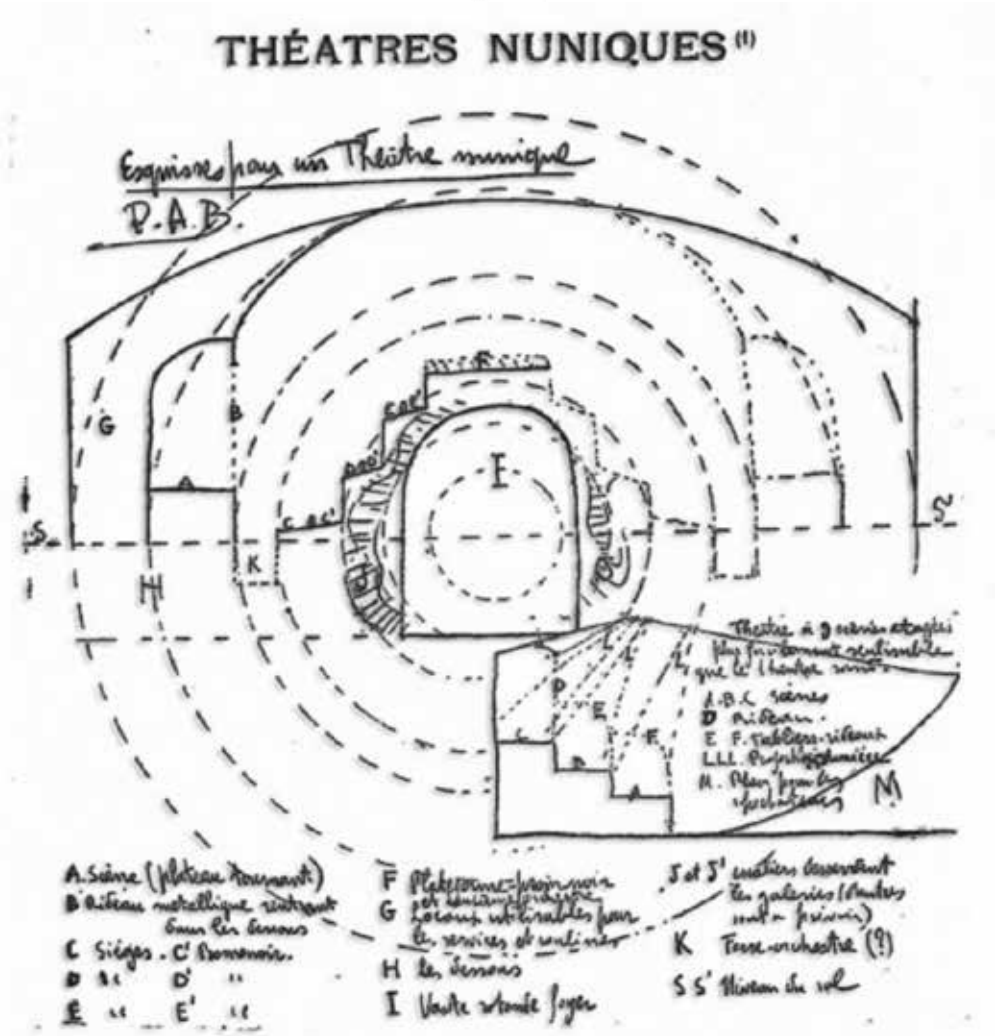
"O cenário és tu
o actor és tu
tudo é real

o público não existe"

Jarry Rubin

– Espectáculo de M. de Almeida e Sousa
– Estreia, Novembro de 1997 Galeria Moçambique Kultural (de Inácio Matsinhe - Lisboa)
– Encenação do autor – produção de Mandrágora em colaboração com a Oficina de Teatro de Almada
– Actores: Beliza A. Sousa, Bruno Vilão, Diogo Alvim, Fernando Rebelo, Patricia Ramos e Rita Penim
– Outras actuações: Galeria Moçambique Kultural, Oficina de Teatro de Almada (Pragal) e Museu da Electricidade (Lisboa)

THÉATRES NUNIQUES (1)



THÉATRES

NUNIQUES

O teatro íntimo, o teatro de costumes, o teatro psicológico, é um teatro morto; ele já não tem ligação com a nossa mentalidade, não tem mais vida que um retrato de Bonnat.

No tempo em que a ciência põe o mundo inteiro na mão de cada homem, os espíritos não podem fazer menos do que alargar a sua amplitude e a sua ambição; hoje, mais do que nunca, o homem e, sobretudo, o artista deve dizer: nihil humanum… O mundo inteiro é o seu atelier, o mundo inteiro é o seu gabinete de trabalho, o mundo inteiro é o seu modelo e ele só pode ter aspirações ao que se poderia chamar o mundialismo ou o universalismo. Os pintores entraram deliberadamente nesta via, os poetas também, o teatro segui-la-á necessariamente.

Primeiro ponto, naturalmente, supressão das três unidades.

A acção principal não terá, por assim dizer, maior importância do que as outras acções ou fragmentos de acções que a compenetrarão; não se recuará diante de nenhum contraste, nenhuma diversidade, nenhum inesperado, acrobacias, cantos, palhaçadas, tragédia, comédia, piada, projecções cinematográficas, pantominas, o teatro "nunique" deve ser um grande todo simultâneo, contendo todos os meios e todas as emoções capazes de comunicar uma vida intensa e inebriante aos espectadores. Para aumentar ainda mais esta intensidade, as múltiplas acções desenrolar-se-ão no palco e na sala. Para atingir um realismo mais profundo, desdobrar-se-á algumas das personagens de maneira a mostrar os actos e os pensamentos, tantas vezes em contradição.

Não tendo nem unidade de lugar nem unidade de tempo, isto é, devendo ter simultaneamente cenas em Paris, em New York, em Tóquio, numa casa, no mar, no subsolo, nos ares, nos tempos pré-históricos, na Idade Média, em 1916, no ano 2000, não se põe nele a questão do cenário: a luz, apenas ela, pode ser a pintura neste teatro. Toda uma paleta de projecções coloridas criará a ambiência. Alguns objectos constituirão as referências indispensáveis, assim como as projecções de país, monumentos, inscrições.

Do mesmo modo que no teatro (edifício), ele não poderá ser senão um circo no qual o público ocupará o centro, enquanto sobre uma plataforma periférica giratória se desenrolará a maioria do espectáculo, ligado ainda ao público por actores disseminados no seu recinto.

Pierre-Albert Birot (in "SIC" 1916-1919) foi uma influente publicação literária e artística francesa de vanguarda, fundada e dirigida por Birot)

3 actos de José Brito

José Brito

artista plástico, com prática centrada na pintura. O seu trabalho explora as relações entre imagem, matéria e processo, investigando a instabilidade do visível através de procedimentos de acumulação, apagamento e interrupção.

Dói-me a imaginação, 2008

Não é paz - é apenas ausência de conflito com o que sinto - 2006

Chamo por ti como se o nome ainda tivesse corpo corpo - 2015

IRÃO

admirável
assombroso
espectacular
estupendo
excelente
extraordinário
fabuloso
fantástico
fenomenal
formidável
genial
grandioso
impressionante
incrível
magnífico
muito, muito bom
óptimo
sensacional

(Vista geral da IT*)

"Obliterado" já é um adjetivo
(particípio do verbo obliterar),
significando algo
que foi
apagado,
destruído,
obstruído
ou esquecido.
Como adjetivos sinónimos,
destacam-se:
extinto
anulado
apagado
obstruído
inutilizado
desvanecido
ou eliminado.
(Vista geral da IA)

CIVILIZAÇÃO

(* IT: Inteligência Trumpial)

MESÓSTICO

Debaixo do Tapete
(a partir de um texto online da
Amnistia Internacional)

GAZA

a violência

destas palavras

rui dias simão

VERSOS

Queria um licor

só deste amor
se vê o mar

então amar

PAISAGEM SONORA

Adiante no mar da noite salpico-me
com a alegria líquida dos caranguejos verdes

onde os enxarrocos entrelaçados nas rochas
soltam das rimas o coaxar que nos empresta

da diáfana água os moribundos espelhos

com os peixes deitados nos pés de setembro
aproveito a caligrafia dos fósseis
para me abrigar do contínuo bramir
de um vento sueste que está a chegar

JOGO URBANO

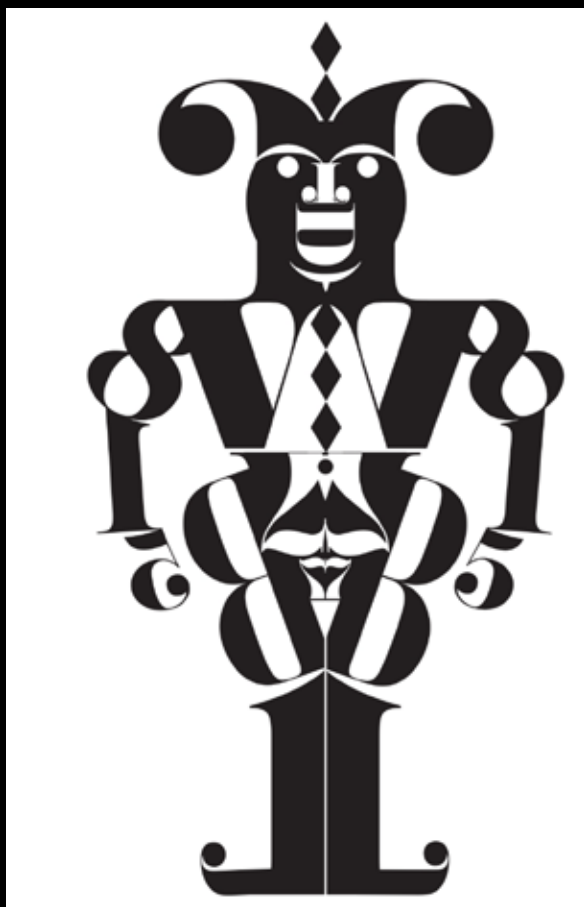
Quando
pela cidade
o vendedor respira
um monólogo dor-de-dentes

enquanto a parente

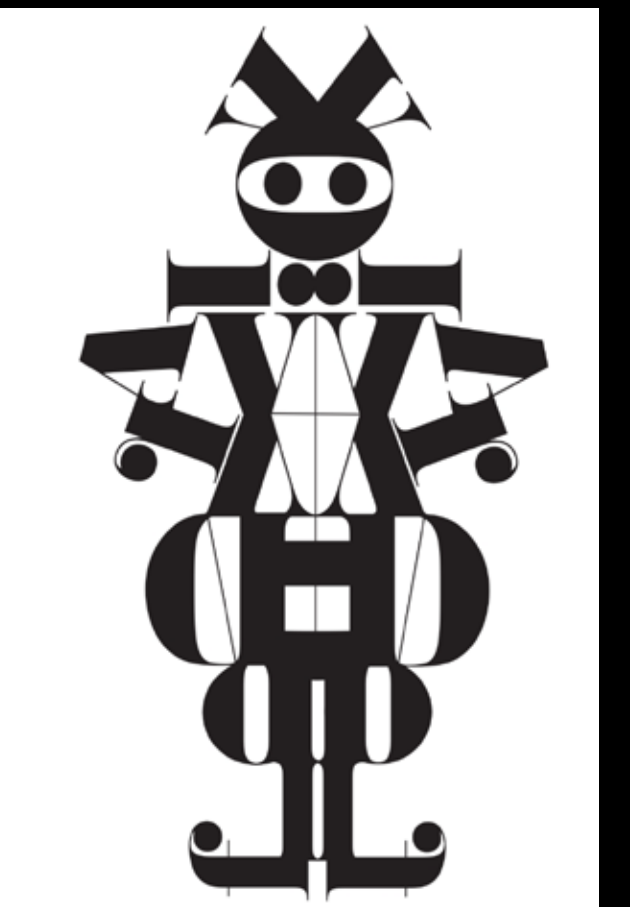
(a-parente-mente)

vende clepsidras vazias
para arrumar os moribundos
que flutuam no dia a dia
da noite

quem estará cercado pelo jogo urbano

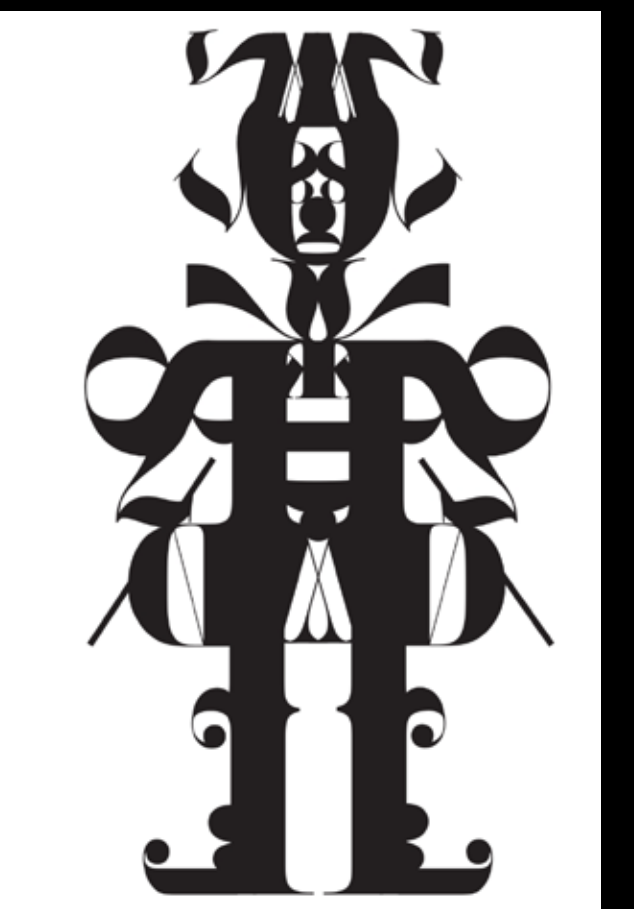


4 (quatro) ARLEQUINS



de

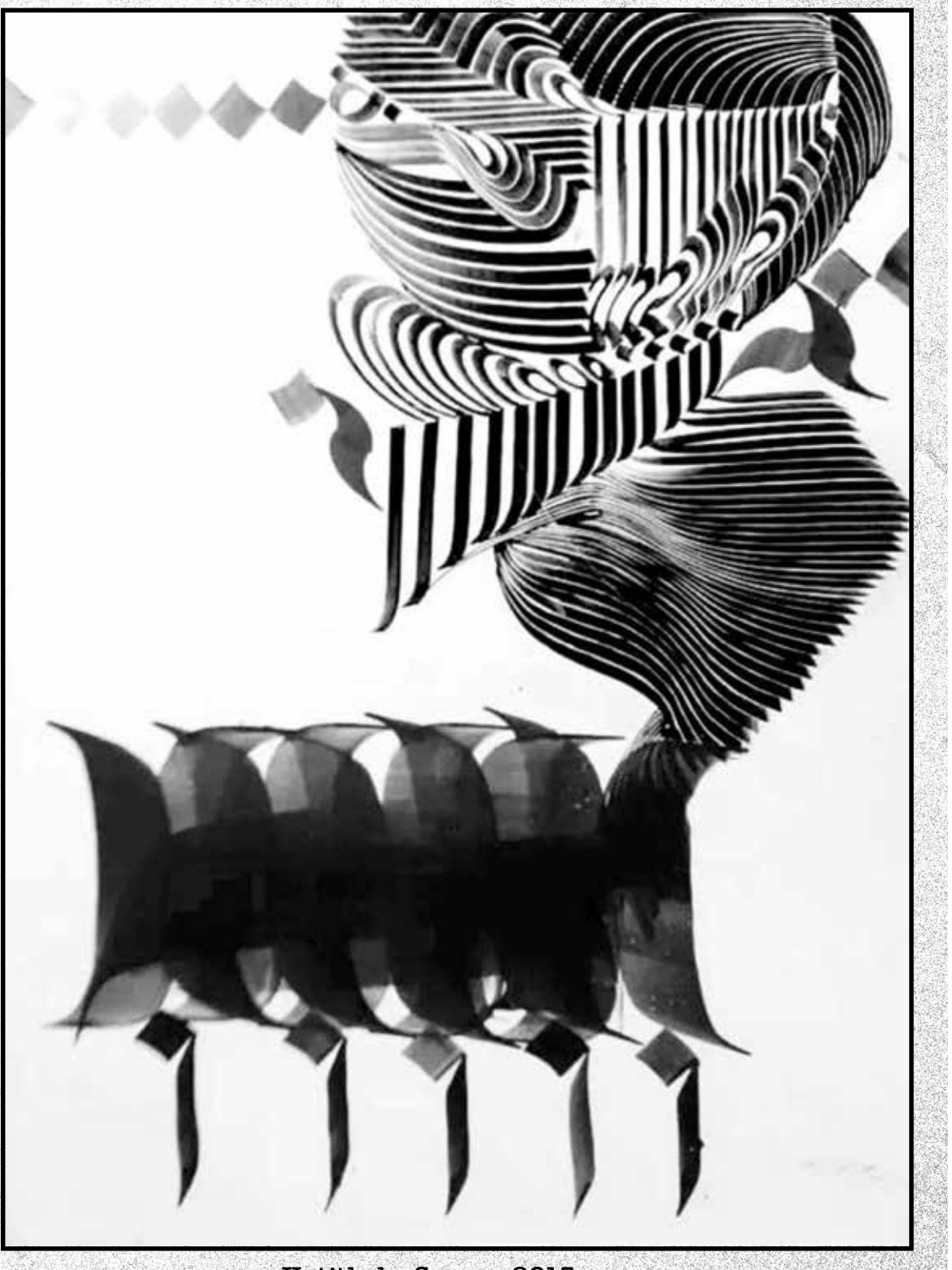
Paulo Scavullo



Muhammad Shehzad Majeed

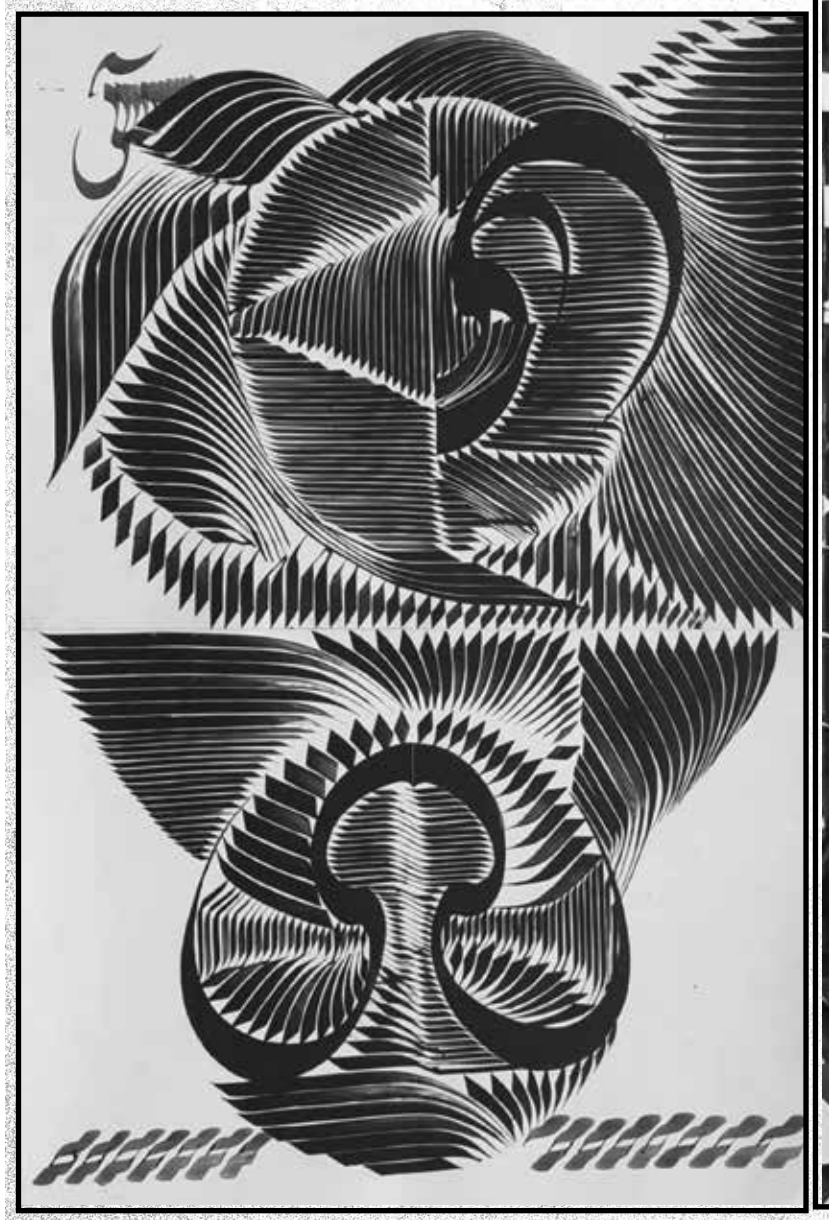
é paquistanês, artista e professor. Mestre em Belas Artes pela University College of Art & Design da Punjab University, Lahore (2005). O seu trabalho investiga e funde padrões orgânicos da natureza com estruturas geométricas de ambientes construídos, centrais à sua prática é a escrita assêmica. Acredita que a arte existe além da linguagem, abrindo novos espaços para a autoexpressão e a identidade compartilhada.

Tasbeeh – Canson paper roll and calli inks – 2011

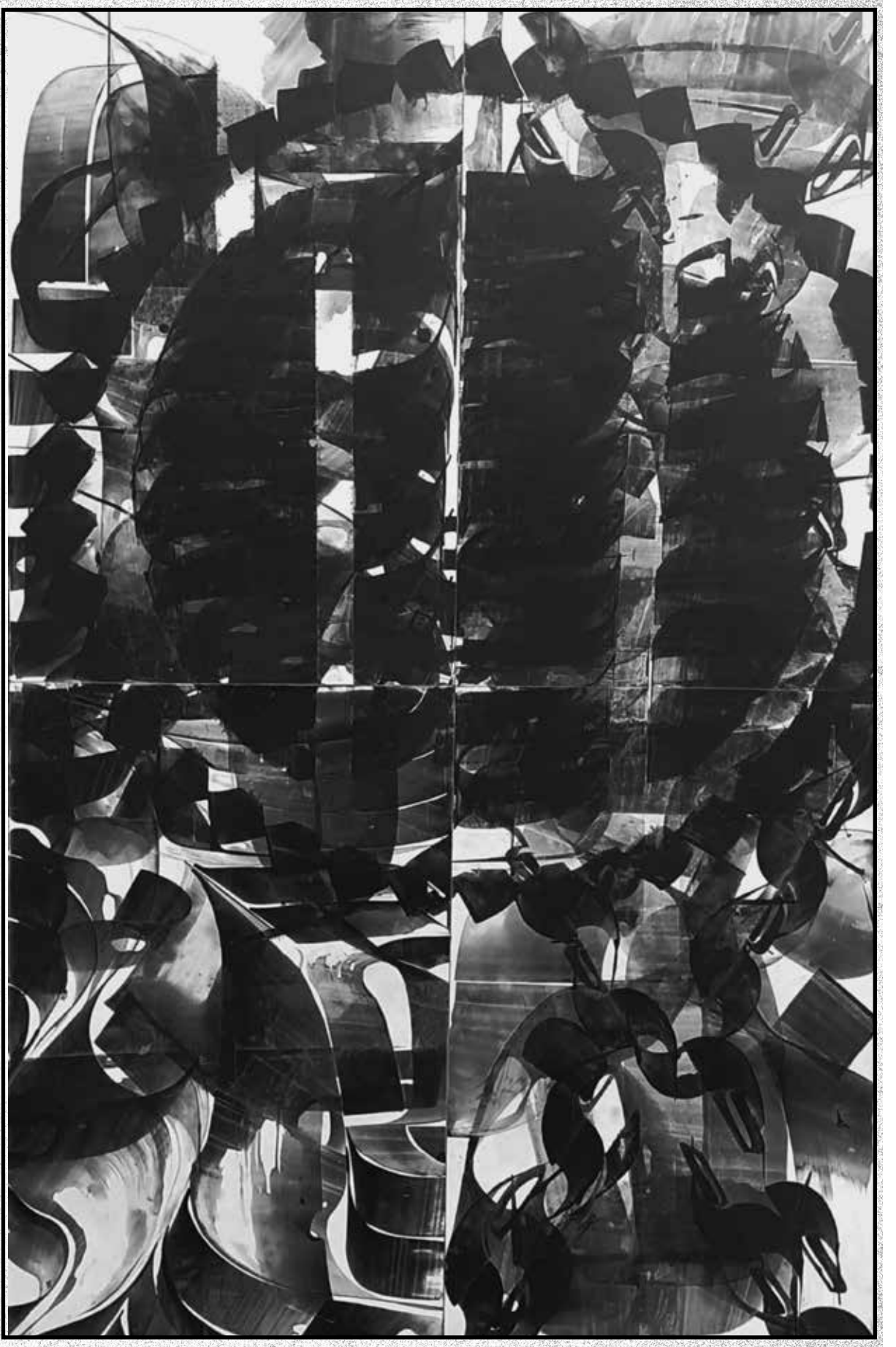


Untitled – Same – 2015

Muhammad Shahzad Mujeed



Mirror – Calligraphy inks and art paper – 2013



Untitled –Art cards and calli inks – 2019

Elogio da Geometria

Está a escurecer à minha volta. E está a escurecer dentro de mim. Estou a escrever no jardim. Estou em frente a uma composição de árvores e de arbustos que fazem uma massa vegetal interessante, como se fosse uma floresta no meio de uma orquestra. Troncos na noite. Copas ainda mais na noite. As sombras que ficam debaixo das árvores, quando é de noite, ficam mais sombras. Não necessariamente assustadoras, mas como um batiscafo no inconsciente.

Isto é um jardim. Isto é relativamente seguro. Isto se fosse uma floresta seria um trauma, um recalcamento, um fantasma radioactivo, psicanalítico. Isto é um jardim. Se fosse uma floresta seria o anarquismo vegetal, seria um monstro que se expande pelas colinas como só uma floresta pode ser um monstro.

Estou aqui a escrever, em frente a uma massa vegetal, uma sombra da noite. Estou aqui a escrever sem grande ideias, sem personagens, sem história, sem haver nenhum acontecimento que vai acontecer, sem qualquer possibilidade de enredo. Estou aqui apenas existindo, face à vida secreta das plantas. Sem nada, sem um relvado mas apenas com uma barreira de arbustos e de árvores que fazem uma muralha de remorso. Talvez me apetecesse escrever um conto sustentado por palafitas, à beira rio, com pescadores e lodo. Mas é daquelas ideias que morrem depressa, porque não vale a pena o esforço. Não vale a pena nos esforçarmos se é para falhar.

Um novo conto. Um novo romance. Por um novo conto. Por um novo romance.

O frio avança na noite de verão, desloca-se tectónico por meio de nu-vens e estrelas. Agora é só ficar a olhar as árvores, os troncos ensopados em escuridão, as copas que se afundam na noite como traumatismos rodoviários.

Um dia mergulhei no mar. Não foi neste dia. E consegui fechar os olhos e deixar-me cair para o fundo como uma folha. Sem gravidade, lentamente, mais suspenso que em peso, flutuando para baixo, sempre. E a noite entrou pelos meus poros, aumentou-me o peso.

Nesse dia percebi que uma floresta, que uma descida em batiscafo, a solidão dos grandes cetáceos, as mulheres que flutuam raias debaixo de água, uma fogueira numa praia, ou mesmo um pontilhismo de estrelas…

Bem, nesse dia, sentado no jardim, no fundo do mar, em frente às árvores, a afundar-me; nesse dia percebi que o que está em cima está em baixo.

Rafael Dionísio, Aroeira,
Agosto de 2025

Cristiano Sheppard Cruz (o autor da capa deste número de crocodarium

Vive no atelier, trabalha de noite, lá fora, o buliço do costume, o bairro domina a ***móvida*** da cidade. É animal noctívago, colector de boas e más vibrações, um fino detector das falsas profecias contemporâneas.

Na cumplicidade de um quotidiano e íntimo diário é no retângulo de linho da tela que acede ao oceano de vibrações, marés nunca antes navegadas, auroras coloridas que preconizam naufrágios e libertam asas. Rostos espreitam em vórtices, insólitas encruzilhadas de além e aquém vida.

O seu avô Christiano Cruz liderou a vanguarda dos primeiros modernistas, depois enfastiou-se do provincianismo Lisboeta e foi para Moçambique exercer veterinária.

Daí ter nascido lá, numa plantação
De chá.

Xá é a alcunha que tem para os mais íntimos. Muitos "Xás" experimentou que quase lhe tiravam a vida, sobreviveu. É um sobrevivente da alucinada geração que se celebrou em ***Woodstock***, e vem até nós com a bagagem necessária para construir fortalezas de nobre ***Sulrealidade*** neste mundo distópico e agonizante.

Um pé em África outro no Algarb com muitos Brazis-Estórias vividas e gastas a pintar mundos exóticos transcendentes ao Europeu comum, deixam este autor singular fora dos medíocres circuitos institucionais do "***arte system***" nacional como tantos outros criadores nascidos no cadinho cultural das antigas colónias.

Com vasta obra inédita urge uma retrospetiva que coloque Cristiano no centro de uma ***Sulrealidade*** por demais ignorada.

José Bivar
Bela Mandil / Olhão - 2026